

A HISTÓRIA DAS MINHAS CALAMIDADES DE PEDRO ABELARDO E O UNIVERSO INTELECTUAL PARISIENSE DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XII

Peter Abelard's *Story of My Calamities* and the Parisian intellectual universe in the first half of the 12th century

Rafael Bosch¹

Mestre e Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2480-165X>

E-mail: rafael.bosch@outlook.com

Recebido em: 30/12/2021

Aprovado em: 04/03/2021

Resumo:

O presente artigo tem como objeto central de sua análise a *História das minhas calamidades*, texto escrito por Pedro Abelardo (1079 – 1142) em 1131. Trata-se de uma epístola em tom autobiográfico na qual o autor, perpassando suas origens, relatou uma parcela considerável de sua trajetória, do início de sua formação até o momento da escrita do texto. O presente artigo busca refletir, por meio de uma leitura que considere aspectos de seu gênero textual e elementos da obra teológica de seu autor, a respeito dos objetivos que o autor da *História das minhas calamidades* buscava com ela alcançar. Ao contrário do que foi defendido por alguns historiadores, argumenta-se, aqui, que a *História das minhas calamidades* não pode ser entendida como uma autobiografia, mas sim um tratado de teologia prática que, além de expor os seus posicionamentos, Abelardo buscou, também, construir uma memória de si próprio com o intuito de se restabelecer como um mestre de escola em Paris após um longo período de hiato.

Palavras-chave: Pedro Abelardo; História Medieval; Teologia.

Abstract:

The object of this paper is the History of my Misfortunes, a text written by Peter Abelard (1079 - 1142) in 1131. It is an autobiographical letter in which the author, going through his origins, narrates a considerable part of his trajectory, from the beginning of his education until the moment of writing the text. This paper aims to reflect on the objectives that Abelard sought to achieve with his letter, through a study that considers aspects of its textual genre and elements of its author's theological work. Contrary to what has been defended by some historians, I argue here that the History of my Misfortunes cannot be understood as an autobiography, but rather as a treatise of practical theology that, besides exposing his own positions, the author also sought to build a memory of himself to re-establish himself as a schoolmaster in Paris after a long hiatus.

Keywords: Peter Abelard, Medieval History, Theology.

Introdução

Escrita em 1131, a *História das minhas calamidades – Historia calamitatum mearum* – é, certamente, um dos textos mais conhecidos de seu autor, Pedro Abelardo², mestre de escola bretão que viveu entre 1079 e 1142. Trata-se de uma epístola cujo destinatário não foi nomeado – recurso retórico utilizado para que o texto alcançasse amplo público³ – e que seu remetente abordou, de maneira geral, toda a sua trajetória até o momento de sua composição.

Essa é uma obra particularmente instigante, uma vez que

levanta problemas históricos tão numerosos, e de natureza tão variada, que ninguém pode gabar-se de possuir todas as técnicas necessárias para resolvê-los. História dos fatos, história das instituições eclesiásticas, direito canônico, história da literatura clássica e da literatura medieval, história da filosofia, história da teologia patrística e medieval, podemos dizer que tudo passa por aí, e o pior é que tudo está ligado⁴

Para além os domínios elencados por Étienne Gilson, um outro que poderia ser citado é o da história da vida intelectual da primeira metade do século XII. Nesse sentido, é incontestável que a *História das minhas calamidades* é um precioso e dos mais importantes testemunhos do ambiente intelectual da Paris desse período. No entanto, ao contrário do que o medievalista francês notou, os historiadores interessados nessa temática não se atentaram ao fato que todos esses problemas históricos estão conectados entre si. Tendo isso em vista o presente artigo propõe debater os objetivos que Pedro Abelardo buscava alcançar com essa obra através de uma leitura que leve em consideração tanto aspectos de seu gênero textual, quanto da obra teológica de seu autor.

Uma autobiografia?

Nos primeiros parágrafos da *História das minhas calamidades*, seu autor apresentou de maneira clara o objetivo de seu texto:

Há momentos em que *os exemplos, mais do que as palavras, exaltam ou serenam os sentimentos*. Por isso depois do conforto que recebi ao conversar em tua presença, resolvi remeter ao ausente esta *carta de consolação* a respeito das experiências das minhas próprias calamidades, *com o intuito de que reconheça que as tuas provações, quando comparadas às minhas, são pequenas ou nulas, e com maior paciência as suporte*.⁵ [itálicos nossos].

Como fica evidente, segundo Abelardo, a *História das minhas calamidades* é uma carta de consolação que busca, através dos exemplos [*exempla*] confortar o leitor ao

demonstrar que os seus sofrimentos não se comparam ao do autor. Tratava-se de uma forma consolidada do gênero. Especialista no tema, Peter Von Moon cunhou o termo *Paridgmentrost* para a ele se referir, consolo por meio de exemplos, cujas origens remetem a Sêneca.⁶

Nesse sentido, Abelardo expressou o seu principal anseio: “Quero que conheças a verdadeira história [*historiam*] desses episódios *através de fatos, na ordem em que aconteceram, e não de boatos*”⁷ [itálicos nossos]. Ao fazê-lo, deixou claro que, no seu entendimento, a história possuía duas exigências: fatos e cronologia, ambos ancorados na verdade. Essas exigências que, supostamente, nortearam a narrativa dos episódios Abelardo desejou apresentar como exemplos para o consolo do leitor. O mestre bretão introduziu dois episódios como as “calamidades” que sofrera: a castração como punição por causa dos desdobramentos de seu relacionamento com Heloísa ocorrida em c. 1118 e a condenação por heresia na ocasião do concílio de Soissons de 1121.⁸

Com o intuito de relatar a “verdadeira história” desses eventos, Abelardo não se limitou apenas a eles próprios. Sua narrativa remontou às suas origens, abordando características de sua terra natal – Le Pallet, localizada em Nantes, caracterizada pelo “animo leve” de seus habitantes – e as condições sociais de sua família – em especial o fato de seu pai ser um cavaleiro que teve acesso a alguma formação educacional. A seu ver, essas características teriam feito com que se distinguisse por sua facilidade com o estudo das letras.⁹ Por essa razão, após “perambular debatendo por diversas regiões”¹⁰, Abelardo decidiu se dirigir a Paris, região em que arte liberal de sua predileção – a dialética – florescia.

Tendo apresentado a respeito dos primeiros passos de sua trajetória, Abelardo direcionou a narrativa tanto para a sua relação com célebres mestres do período quanto para o início de sua carreira docente. Desse modo, em um primeiro momento, descreveu seus desentendimentos com Guilherme da Champanha e sua experiência como professor de lógica nas cidades de Melun, Corbeil e Paris. Em seguida, após um breve retorno à sua terra natal para, supostamente, presenciar a conversão de sua mãe à vida monástica, há o início de um segundo momento na narrativa, no qual é introduzido o seu interesse pelo estudo dos temas sagrados, levando-o a ser aluno de Anselmo de Laon. Abelardo fez questão de narrar que, assim como fora com Guilherme, seu relacionamento com Anselmo foi marcado por desentendimentos, mas que isso não o impediu de se tornar um mestre mais célebre do que seus antigos professores, ao ponto de assumir o cargo de mestre da escola catedral de Paris em 1114.¹¹

Esse é um momento de virada na narrativa construída por Abelardo. Até esse ponto, pode-se afirmar que ela foi marcada por uma sequência de conquistas de seu autor, afinal ele teria saído vitorioso dos muitos debates que se envolvera e isso, no final das contas, teria sido a razão pela qual havia conquistado aquilo que, segundo o próprio relatou, mais ansiava: a docência em Paris. Em suas palavras, tais vitórias nesses confrontos públicos teria feito com que o seu ensino conquistasse “tamanha força e autoridade que até mesmo os mais hostis entre os meus críticos vieram em revoada às minhas aulas”.¹²

Por mais panegírica que essa passagem soe, é preciso considerar que o universo intelectual da primeira metade do século XII não possuía qualquer regulamentação institucional mais sólida, algo que só ocorreria com implementação da *licentia docendi* após a realização do terceiro concílio de Latrão em 1179.¹³ Nesse sentido, um dos principais elementos que poderiam assegurar a permanência de um mestre em sua

respectiva escola era a sua capacidade de atrair a alunos a ela. Ademais, em um ambiente intelectual marcado por uma cultura do debate – ou *disputatio*, como a ela se referiam os contemporâneos – que gradativamente abandonava um ideal pedagógico e filosófico em detrimento de um modelo de “performance representacional”¹⁴, o desempenho nesses enfrentamentos intelectuais poderia ser determinante na carreira de um mestre ou, mesmo, um aluno.

Seja como for, há uma clara mudança no tom do texto de Abelardo após se tornar mestre em Paris. “Mas o sucesso sempre incha os insensatos com orgulho e a tranquilidade mundana enfraquece a resolução do espírito e facilmente a destrói por meio das tentações carnis”.¹⁵ Ascensão e queda: eis o início da primeira calamidade. Após lograr seu grande objetivo, Abelardo teria se entregado ao orgulho e à luxúria. Considerando-se o “único filósofo no mundo”, Abelardo teria se afastado dos “filósofos” e dos “divinos”. Em meio a esse período, conheceu Heloísa de Argentuil e com ela começou a se relacionar em 1117. Após detalhar longamente como, a seu ver, havia se perdido nos prazeres da carne, casando-se e engravidando Heloísa, o mestre bretão narrou como fora castrado.

Uma noite, enquanto dormia tranquilamente em um quarto retirado de minha residência, eles [refere-se aos enviados de Fulberto, tio e responsável por Heloísa, que estava insatisfeito com os desdobramentos do casamento entre Abelardo e sua sobrinha] subornaram um dos meus servos para nela adentrar e, então, eles me puniram com a forma mais cruel e vergonhosa de vingança, que chocou todo o mundo: amputaram as partes do corpo com as quais cometeria o que eles deploravam.¹⁶

Não foi a dor física que mais lhe teria afligido sofrimento, mas sim a vergonha do ocorrido. No dia seguinte, toda a cidade sabia e comentava a respeito da emasculação de um de seus principais mestres. Com o intuito de dimensionar a proporção do escândalo, Duby sugeriu que se imaginasse “semelhante dissabor acontecendo com Jean-Paul Sartre na Paris dos anos 50”.¹⁷ Deixando de ser reconhecido por seu magistério em razão de sua chaga, Abelardo justificou sua conversão: “colocado em tão mísero estado de desolação, confesso que foi a confusão da vergonha muito mais do que a vocação de uma vida religiosa que me impeliu para o abrigo dos claustros monásticos”.¹⁸

Monge em s. Denis, logo retomou sua prática docente por conta da insistência de seus alunos e, em decorrência dos anseios destes, compôs uma obra a respeito da Trindade em c. 1119. Seu tratado se tornou alvo de suspeição e, por essa razão, foi convocado para o concílio realizado na cidade de Soissons em 1121, a sua segunda calamidade. Nessa ocasião, Abelardo foi condenado por heresia, obrigado a jurar uma confissão de fé, a lançar seu livro às chamas e ainda se viu encarcerado em um mosteiro. Em suas palavras,

a grande dor que sentia, a vergonha que me confundia, e o desespero que me perturbava, era tudo o que eu podia sentir e em palavras não consigo traduzir. Comparava meus sofrimentos com aquela minha dor física e me considerava de todos os homens o mais infeliz.¹⁹

Nesse ponto da narrativa, Abelardo já expôs as duas “calamidades” que havia anunciado a seu leitor que serviriam de exemplos para seu consolo: a castração e a condenação por heresia. No entanto, a narrativa não se encerrou aí. O mestre bretão seguiu relatando uma série de infortúnios pelos quais teria passado. Ao retornar à abadia que pertencia, teria sido perseguido pelos seus irmãos monges e pelo abade, ao ponto de se ver obrigado a fugir às escondidas. Após isso, fundou um oratório dedicado ao Espírito Santo e por ter contrariado uma antiga tradição de dedicar igrejas somente ao Filho ou a toda à Trindade teria sido muito criticado. Em meio a isso, teria sido vítima de uma campanha de boatos que buscavam pôr em xeque seu pertencimento à ortodoxia.

Em tais circunstâncias, Abelardo teria caído “em tamanho estado de desespero que cogitei atravessar as fronteiras da Cristandade e viver entre os pagãos, vivendo uma vida cristã em meios aos inimigos de Cristo e pagar qualquer tributo”.²⁰ Nesse contexto, recebeu a oportunidade de assumir a direção de s. Gildas-Rhuys, uma abadia localizada na Bretanha. Segundo narrou, imaginando que seria uma excelente ocasião para se distanciar de seus críticos, aceitou a oferta. Ao fazê-lo, doou seu oratório a Heloísa para que lá ela instituisse um monastério feminino. Entendendo-se como o mentor espiritual dessas monjas, Abelardo as visitara ocasionalmente, o que lhe teria sido mais uma vez vítimas de boatos, dessa vez a respeito de seu estado monacal.

Já na Bretanha, deparou-se com outras “calamidades”. A população dos arredores de seu mosteiro foi descrita como “bárbara e indisciplinada” e o seu governante como um “tirano” que havia aproveitado a situação precária de s. Gildas-Rhuys para se apropriar das terras à sua volta e dos monges cobrar tributos tão pesados quanto aqueles que se cobraria de judeus.²¹ A precariedade da abadia se daria por conta do comportamento de seus monges, descritos não somente como aversos à ordem que deviam professar, mas também ladrões e assassinos.

Abelardo relatou que, em determinada ocasião, um monge teria se alimentando de um prato que a ele havia sido destinado e morrido envenenado.²² Com o intuito de sanar essas questões, contou com o apoio de um legado papal que teria expulsado aqueles monges envolvidos na tentativa de homicídio. No entanto, aqueles que ainda permaneceram seriam “muito piores” do que os anteriores porque teriam o ameaçado “não com veneno, mas com o gládio em minha garganta, de apenas consegui escapar graças à ajuda de um nobre da região”.²³ E, em meio a tudo isso, o mestre bretão ainda teria convivido com uma intensa e debilitante dor crônica, resultado de um acidente a cavalo que teria lhe quebrado a clavícula.²⁴

Ao elencar todos esses episódios, Abelardo assim encaminhou o texto para seu encerramento: “Esta, caríssimo irmão em Cristo e companheiro de longa vida religiosa, é a história [*hystoria*] das minhas calamidades”²⁵. A história, para o mestre bretão, pode ser entendida como o registro das “experiências [*experimentis*] das minhas calamidades” e pode servir ao leitor como uma fonte de consolação.²⁶ É interessante notar que o detalhe da estrutura narrativa da *História das minhas calamidades* que mais chamou a atenção dos estudiosos foi o emprego da perspectiva em primeira pessoa. A partir deste recurso, raro no Ocidente medieval²⁷, o autor apresentou detalhes de sua trajetória que, à primeira vista, poder-se-ia imaginar que melhor seria a ele se fossem esquecidos. De modo que não é raro encontrar entre os estudiosos que a característica mais interessante desse texto seria o fato de ser uma autobiografia²⁸ ou uma obra em que seu autor teria exposto “ao leitor mais do que ele havia pretendido”.²⁹

Esse artigo propõe uma interpretação diferente. Conforme explorado em outra ocasião, a identificação de textos medievais com o gênero autobiográfico está, no mais das vezes, intimamente ligado ao debate historiográfico a respeito da existência do indivíduo na Idade Média. Tal tema se tornou um objeto de análises dos historiadores a partir da segunda metade do século XIX. Em 1860, Jacob Burckardt, em seu célebre *A cultura do Renascimento na Itália*, apontou que uma das distinções entre o período medieval e o renascentista seria a emergência do indivíduo, que no medievo estaria coberto por um “véu tecido de fé, preconceitos infantis e ilusão”.³⁰

Buscando se contrapor a essa caracterização marcadamente pejorativa, medievalistas passaram a buscar traços do individualismo no período que estudavam. Na passagem das décadas de 1960 e 1970 essa seara de estudo se tornou popular entre os historiadores culturais, que centraram suas atenções no “falar de si”, característicos de textos entendidos como autobiográficos. O problema dessa perspectiva reside na intenção de justificar o período medieval através de um referencial moderno, posterior a ela. Posto de outra forma, a busca pelo indivíduo ou pelo individualismo na Idade Média seria como a busca por uma centelha da modernidade em uma Idade Média encoberta pelas trevas.³¹

Caracteriza-se como autobiografia um texto em que seu autor, seu narrador e seu protagonista são a mesma pessoa. Nesse gênero narrativo, busca-se uma exploração da condição humana através do conhecimento de si próprio, no qual a trajetória do seu autor é interpretada por ele próprio, sem maiores contribuições externas.³² Nesse sentido, mais do que assumir o papel de narrador e de protagonista, o autor assume, também, o papel do objeto da obra. Tendo isso em vista, embora seja impossível reconhecer a existência de um tom autobiográfico na *História das minhas calamidades*, é igualmente impossível tomá-la como uma autobiografia.

O exercício de uma teologia prática

Abelardo, de fato, apropriou-se de suas próprias experiências. No entanto, isso foi feito a partir de uma tradição letrada, muito cara à escolástica, de saber coletivo.³³ Desse modo, diversas foram as vezes em que sentiu a necessidade de recorrer a uma memória alheia para autorizar o seu texto. Por exemplo, comparou as perseguições que sofrera com as de Atanásio de Alexandria, sua trajetória com a de Jerônimo de Estridão e as tentativas de assassinato sofridas por Bento de Núrsia com aquelas que ele próprio havia sofrido.

As referências não foram utilizadas por acaso. Elas servem a um propósito na narrativa que vai além do exame de si. Entretanto, para bem compreender o objetivo da *História das minhas calamidades* é preciso abranger a análise para outras obras de seu autor. Além de ter feito da lógica, da Trindade e da ética objetos de suas reflexões, Abelardo também se interessava por questões de teodiceia. A esse respeito, é preciso ter em mente alguns posicionamentos do mestre bretão. Em primeiro lugar, a seu ver, seria preciso entender a onipotência divina como a capacidade de Deus alcançar tudo aquilo desejado, e não à capacidade de tudo realizar. Em segundo lugar, Deus só faria aquilo que deveria fazer, de modo que ele só faria o que faz. Em terceiro lugar, Deus seria o

Sumo-bem – concepção que inspirou o título de uma de suas obras, *Teologia do Sumo-bem* – e, portanto, desejaria o bem. Desse modo, em sua concepção, Deus só faz o bem.³⁴

Isso não quer dizer que o mal não exista em sua teologia. A partir de Agostinho, para Abelardo o mal seria utilizado por Deus para tornar as coisas melhores do que seriam sem este. Para tratar desta questão em suas aulas, o mestre bretão recorria constantemente a metáforas, uma delas foi entender Deus como um grande pintor que utilizava uma cor não tão bonita quanto as outras, mas que era capaz de tornar a imagem como um todo mais bela. Desse modo, ao abordar a Queda, Abelardo entendia que o pecado teria feito do homem algo melhor do que este havia sido antes porque teria permitido com que Cristo redimisse a humanidade com a sua morte. A partir dessa redenção, o amor da humanidade por Deus seria maior porque agora ela teria mais razões para amá-Lo e esse amor mais intenso faria da humanidade algo inegavelmente melhor.³⁵

Retornando à *História das minhas calamidades*, caso se desconsidere o breve trecho em que Abelardo discorreu sobre suas origens, sua estrutura narrativa pode ser entendida como uma série de experiências desagradáveis ou “calamitosas”. Após chegar em Paris por volta de 1100, Abelardo foi ter com os mais célebres mestres do período e não só se desentendeu com eles, mas também com os seus alunos, o que teria tornado o convívio insustentável. Assim que logrou aquilo que mais desejava, o posto de mestre da escola catedral de Paris, por um lado se deixou ser consumido pelo orgulho, levando-o a tratar com desleixo suas aulas. Por outro, tomado pela luxúria, seduziu Heloísa e teria passado a viver em função de seus desejos carnis. Seu destempero teria, inevitavelmente, abalado a reputação de seu ensino. Além disso, mais do que afetar sua prática docente, esse destempero teria maculado seu corpo de maneira irreversível em razão da castração que sofrera. Para além dessa mácula, Abelardo seria marcado por outra, a seu próprio ver, ainda mais grave: a de herege.

Não se contentando em somente apontar as causas desses dois pontos de inflexão de sua trajetória, o mestre bretão deu um sentido a eles:

Entretanto, estando completamente escravizado pela luxúria e pelo orgulho, a graça divina providenciou, contra a minha vontade, *um remédio para esses dois males*, primeiro para luxúria e depois para o orgulho. Para a luxúria, privou-me daquelas coisas com as quais a exercia e para o orgulho, que em mim se originava por conta dos estudos – tal qual o apóstolo diz “a ciência incha” –, humilhou-me pela incineração do livro que muitíssimo me gloriava.³⁶ [itálicos nossos]

Abelardo foi bastante claro. Tanto sua castração quanto sua condenação, mais do que simples castigos, eram remédios divinos. Por meio deles, Deus teria feito de Abelardo um homem melhor ao eliminar a razão de seu orgulho e o instrumento com o qual se perdia no prazer carnal.

No entanto, como se viu mais acima, por mais que estivesse “medicado”, Abelardo teria seguido se deparando com outras “calamidades”. Alvo de críticas por conta de seu oratório, de boatos a respeito de seus posicionamentos, de uma fratura que lhe teria infligido uma dor insuportável e de tentativas de homicídios orquestrada por seus subordinados. A esse respeito, o mestre bretão manteve uma linha interpretativa

muito similar àquela oferecida à sua castração e condenação por heresia. Ao encerrar a *História das minhas calamidades*, foi assertivo:

Não duvidemos de que, se elas não adicionam nada ao nosso mérito, se, ao menos contribuem para nossa purificação, e como tudo é regido pela disposição divina, ao menos nisto, console-se cada um dos fiéis em toda tribulação, *pois a suma bondade de Deus não permite que alguma coisa se faça de modo desordenado, e mesmo as coisas perversas que são feitas, Ele dirige para um ótimo fim*. Por isso, em tudo retamente se diz: “Faça-se Tua vontade”.³⁷ [itálicos nossos]

Talvez essa seja a expressão mais clara da teodiceia otimista, tal qual John Marenbon denominou³⁸, de Abelardo. Segundo o mestre bretão, por pior que seja o mal, ele serve a um propósito divino. Deus e Sua suma bondade o dirigiria para um “ótimo fim”. Em outras palavras, a função do mal é a de tornar as coisas melhores.

Desse modo, em *História das minhas calamidades*, seu autor não estaria interessado em produzir uma reflexão a respeito de si próprio, mas sim a respeito de um aspecto fundamental de sua teologia: a suma bondade divina. Longe de ser uma autobiografia, sua obra é uma espécie de teologia prática, na qual é realizada uma seleção meticulosa de experiências da trajetória de Abelardo. Estas foram elencadas de maneira cronológica e foram reinterpretadas de modo a sintetizar seu posicionamento a respeito da natureza do bem e do mal.

A construção de uma memória

Além de assumir a forma de um tratado de teologia prática, esse artigo propõe que Abelardo atribuiu à *História das minhas calamidades* um terceiro sentido. No entanto, para que isso fique claro é preciso centrar as atenções em dois detalhes, um textual e outro extratextual. Embora Abelardo tenha defendido – seja em seus tratados teológicos “convencionais” ou seja na *História das minhas calamidades* – que a função do mal na Criação é de torná-La melhor do que seria sem ele, isso não o impediu de estabelecer juízo de valores às suas ações e às daqueles envolvidos em suas “calamidades”.

Ao tratar de seus desentendimentos com seus professores e seus condiscípulos, o mestre bretão argumentou que estes tinham inveja de seu domínio das artes liberais. Sua condenação por heresia recebeu um tratamento similar. O tratado em questão teria sido um sucesso, uma vez que satisfaria as dúvidas de seus alunos com soluções de grande sutileza. De modo que

Meus rivais estavam muito irritados [por conta do sucesso de seu tratado] e organizaram um Concílio contra mim, especialmente aqueles dois velhos oponentes, Albérico e Lotulfo, os quais, com a morte de nossos antigos mestres, Guilherme e Anselmo, estavam tentando reinar sozinhos em seus lugares e sucederem seus mestres como herdeiros. Ambos eram diretores da escola em Reims, e lá, por conta de repetidas insinuações, foram capazes de influenciar o arcebispo, Raul, a agir contra mim e, com Cono, bispo de

Praenestre, que era legado pontifício na Gália, organizaram uma assembleia, que chamaram de concílio, na cidade de Soissons, onde fui convidado a comparecer com o meu pequeno tratado sobre a Trindade.³⁹

Abelardo não se apresentou somente como uma vítima da inveja de seus rivais, mas também de tamanha campanha de difamação “junto ao clero e ao povo” – afirmando que o mestre bretão teria “pregado e escrito sobre a existência de três deuses” – que “eu e os poucos pupilos que me acompanhavam por pouco escapamos de sermos apedrejados pelo povo no dia de nossa chegada”.⁴⁰

Para além das acusações injustas e do suposto quase apedrejamento, Abelardo descreveu um julgamento atípico. Ao entregar seu tratado ao legado pontifício, Cono teria dito ao mestre bretão que a obra seria julgada por seus acusadores, o que permitiu Abelardo estabelecer um paralelo bíblico: “Assim, cumpria-se, em mim também, ‘e nossos inimigos são os nossos juizes’⁴¹. A narrativa prosseguiu com a suposta incapacidade dos acusadores de encontrarem algo que poderia ser qualificado como herético na obra e com Abelardo dissertando pública e diariamente a respeito de seus posicionamentos enquanto seu caso não era julgado, o que teria convencido o público da retidão de seus ensinamentos. Um de seus acusadores, Albérico, teria debatido com Abelardo em uma dessas ocasiões e, vendo-se derrotado e humilhado diante de seus alunos, “ficou furioso e passou a me ameaçar, afirmando que nem minhas explicações nem minhas autoridades [que sustentavam seu posicionamento] iriam me ajudar nesse caso”.⁴²

Enfim chegara o dia do julgamento e, segundo o próprio, a Abelardo não foi concedido um direito de resposta. De acordo com o autor da *História das minhas calamidades*, seus acusadores teriam reagido de maneira enfática quando confrontados a respeito da possibilidade do acusado se defender: “Ouvindo isto, os meus adversários imediatamente começaram a fazer grande algazarra e exclamaram: ‘Sábio conselho este que nos manda combater a eloquência e alguém cujos argumentos ou sofismas poderiam triunfar sobre o mundo todo!’”.⁴³ Apesar disso, ter-se-ia chegado ao consenso de que o julgamento deveria ser postergado e para que pessoas melhor preparadas pudessem tratar da questão. No entanto,

meus rivais, pensando que nada teriam feito se a causa fosse transferida para fora de sua diocese, onde eles não teriam influência – estava claro que eles não tinham confiança na justiça de sua causa – *convenceram o arcebispo que seria vergonhoso para ele se o caso fosse transferido para outro local, e seria perigoso se assim fosse permitido a mim escapar*. E indo imediatamente ter com o legado, fizeram-no mudar sua decisão e o *pressionaram a, contra sua vontade, condenar o livro sem qualquer investigação, queimá-lo imediatamente na presença de todos e a me condenar à clausura eterna em um monastério diferente*.⁴⁴ [itálicos nossos]

A partir do trecho acima é possível afirmar sem maiores problemas que o objetivo de Abelardo era o de demonstrar a injustiça que lhe fora cometida. Abelardo não se apresentava como um herege e sim como um injustiçado. Seus inimigos – cientes da imoralidade de sua causa – convenceram o arcebispo por meio de argumentos escusos e pressionaram o legado pontifício – que teria cedido somente por ser “menos instruído do que deveria”⁴⁵ – a condená-lo sem um exame digno de seus posicionamentos.

Segundo o mestre bretão, a principal razão encontrada por seus rivais para condená-lo como herético teria sido o seu “atrevimento de tê-lo lido em público e ter deixado ele ser copiado por muitas pessoas sem a aprovação da autoridade do Papa ou da Igreja. E que minha condenação seria muito útil para a fé cristã, pois, pelo meu exemplo, uma tal presunção seria por muitos evitada”.⁴⁶ A justificativa empregada na narrativa é interessante e levanta duas questões. Em primeiro lugar, para o período em questão – no século XII como um todo – não há registros da necessidade de uma aprovação eclesiástica para promulgação desse tipo de obra.⁴⁷ Em segundo lugar, há somente um outro registro documental a respeito dessa condenação, composto por Otto de Freising. Segundo o cronista alemão, Abelardo teria sido condenado

como herege sabeliano por aqueles excelentes homens e reconhecidos mestres, Albérico de Reims e Lotulfo de Novara, e foi forçado pelos bispos a atirar o livro que havia publicado ao fogo com suas próprias mãos. Não lhe foi dada uma oportunidade de se defender por causa de sua habilidade em disputar ser desconfiada por todos. Essas coisas ocorreram durante o reinado de Luís o Velho, rei dos francos.⁴⁸

Embora o relato de Otto de Freising, que estudou em Paris, esteja de acordo com as circunstâncias da condenação de Abelardo ao mencionar que a este não teria sido concedida a possibilidade de se defender em razão do seu domínio das artes liberais, há uma clara discrepância em relação às razões desta. Na *História das minhas calamidades*, o principal motivo atribuído à condenação teria sido o fato de a obra ter sido copiada “por muitas pessoas” sem a devida autorização. Enquanto para o cronista alemão, o mestre teria sido condenado por sabelianismo, doutrina que defendia a inexistência das três pessoas divinas, já que estas seriam apenas aspectos de um único Deus. A diferença entre esses relatos foi objeto de reflexão em outra ocasião.⁴⁹ O que cabe frisar aqui é que afirmar que Abelardo havia sido condenado pelo fato de sua obra ter sido copiada “por muitas pessoas” sem uma devida autorização não só apresenta a sua condenação como injusta, mas também apontava o quão bem-sucedido era o seu tratado, conferindo-lhe grande autoridade e, conseqüentemente, tornava, em meio à narrativa que construía, sua condenação ainda mais contraditória.

O que se vê a partir da apresentação de sua por heresia é que Abelardo buscou construir uma narrativa em que protagonizou o papel de vítima de uma perseguição injusta. Esse é um fio narrativo que se manteve durante a descrição de sua trajetória como abade de s. Gildas-Rhuys. A motivação de seus monges para as diversas tentativas de homicídio seria o fato de Abelardo se preocupar com a questão da indisciplina. Nesse sentido, em sua narrativa apresentou o dilema que teria vivido: “Eu tinha certeza de que seu tentasse obrigá-los [refere-se a seus monges] a seguirem a regra monástica que haviam professado, eu corria o risco de não poder viver, e se não o tentasse da forma que me era possível eu seria condenado”.⁵⁰ Entre o amor à sua vida e o amor a Deus, Abelardo teria optado pelo segundo. No entanto, esta batalha ele perdeu, a única derrota em sua narrativa. Ameaças de excomunhão e imposição de juramentos públicos não surtiram efeito.

Eles violaram aberta e vergonhosamente a palavra dada e os termos do juramento. Eles ainda foram forçados a renovar o juramento e outros mais,

pela intervenção da autoridade do pontífice romano Inocêncio [II] que designou um legado para isso, na presença do conde e dos bispos. Mas, mesmo assim, não me deixaram em paz.⁵¹

Desse modo, em seu texto, Abelardo se apresentou como alguém que fez tudo aquilo que estava a seu alcance. No entanto, se seus monges não demonstravam apreço pelos juramentos que haviam prestado a um representante pontifício diante das maiores autoridades locais, por que respeitariam o que haviam jurado a seu abade? No fim da narrativa, seu autor relatou que, conforme mencionado acima, havia abandonado em fuga a sua abadia e, mesmo assim, ainda se via “em perigo, e todo o dia eu imagino uma espada pairando por sobre minha cabeça”.⁵² Não por acaso recorreu ao segundo livro de Timóteo: “E diz o apóstolo, ‘todos os que querem piedosamente viver no Cristo sofrerão perseguição’”.⁵³

Portanto, o Abelardo apresentado na *História das minhas calamidades* está longe de ser um mestre herético ou um abade que abandonou suas responsabilidades para com seus subordinados, ofensas gravíssimas. O que se tem é a imagem de um professor genial vítima da inveja e das maquinações de seus rivais, de um monge que se dispôs a arriscar a própria vida em função de seu amor a Deus. Para criar essa imagem, Abelardo realizou uma seleção meticulosa de episódios de sua trajetória e os articulou de maneira consciente e precisa – ou seja, não se é relatado mais do que se gostaria – com um objetivo claro: apresentar-se como alguém que, mais do que tudo, buscou viver piedosamente em Cristo e que por isso sofreu com perseguições digna dos mártires. Mais do que supostamente consolar seu leitor ou expor de maneira prática seus posicionamentos teológicos, Abelardo também buscou criar uma memória de si próprio.

Para compreender as motivações que teriam feito o mestre bretão construir o texto dessa forma é preciso recorrer ao detalhe extratextual acima mencionado. A *História das minhas calamidades* foi escrita em 1131, durante sua fuga da abadia. No ano seguinte, há registros de que Abelardo estava lecionando novamente em Paris, após um hiato de mais dez anos. O cenário intelectual da Paris da década de 1130 era muito diferente daquela da década de 1110, na qual havia reinado. O mestre bretão, em 1132, era apenas um entre muitos que disputavam as atenções e o dinheiro dos alunos. Tendo isso em vista, parte-se do princípio a narrativa foi de tal modo construída com o intuito de conquistar simpatia na atual capital francesa⁵⁴

Nesse sentido, o seu texto operou de duas formas. Em primeiro lugar, tratava-se de uma exposição de seus posicionamentos teológicos de uma maneira se não original, ao menos incomum, que lhe permitia se destacar em relação aos outros mestres. Em segundo lugar, em um universo intelectual no qual a postura e a conduta dos mestres exerciam um papel fundamental na sua capacidade de atração de alunos, Abelardo buscava demonstrar a seus possíveis discípulos que ele já não era mais aquele jovem obstinado de seu passado.⁵⁵ Conforme foi apresentado na *História das minhas calamidades*, tanto a castração quanto a condenação por heresia seriam como remédios para os males da luxúria e do orgulho. E o abandono de seus subordinados no mosteiro de s. Gildas-Rhuys estaria mais do que justificado por conta das várias tentativas de homicídio. Para seus leitores, Abelardo vivia aquilo que s. Bento viveu ao ser perseguido por seus monges.⁵⁶

Conclusão

Se de fato esse era o objetivo da *História das minhas calamidades*, pode-se afirmar, então, que Abelardo logrou o êxito esperado. Como já mencionado, em 1132 é encontrado lecionando em Paris. Lá permaneceu por aproximadamente nove anos, até 1141, o dobro de sua primeira estadia, que se deu entre 1114 e 1118. Não é de todo absurdo supor que esse seu segundo momento tenha sido mais bem sucedido que o anterior. Entre os seus discípulos, pode-se encontrar nomes como João de Salisbury, Arnaldo de Brescia e Guido Guelfucci, que viria ficar conhecido como o papa Celestino II. Não apenas isso, mas suas obras passaram a gozar de ampla circulação. Fato que não só teria alarmado Guilherme de S. Teodorico, como o motivado a escrever uma carta a Bernardo de Claraval, levando Abelardo à sua segunda e derradeira condenação por heresia. Em tal carta lê-se que era uma circulação que alcançava os mais altos cargos eclesiásticos:

Pedro Abelardo voltou a ensinar e a publicar suas novidades: seus livros atravessam os mares e transpõem os Alpes, suas novidades sobre a fé e seus novos dogmas são disseminados pelas províncias e reinos, onde as publica, onde as defende livremente em qualquer lugar chegando ao ponto de alegar contar com apoiadores na cúria romana⁵⁷

Desse modo, é muito possível que a *História das minhas calamidades* tenha sido um ponto de inflexão na trajetória do mestre bretão. Foi por meio dela que Abelardo construiu uma narrativa multifacetada que se anunciava apenas como uma forma de consolação, mas que, no entanto, foi capaz de expor de maneira instigante os seus posicionamentos teológicos, de construir uma memória de si próprio e, conseqüentemente, de reinseri-lo em um dos ambientes intelectuais mais competitivos de seu tempo.

No entanto, para que se possa perceber isso é preciso abandonar as ficções historiográficas modernas sobre Abelardo, que o interpretou, entre outras coisas, como um precursor – seja do panteísmo, kantianismo ou spinozismo –, como um herói nacional racionalista ou como um intelectual moderno.⁵⁸ É necessário ter em mente que Abelardo, acima de tudo, viveu na primeira metade do século XII e que lidou com os problemas e anseios de seu tempo. Além disso, mais do que tudo, desejava ser mestre de escola e durante grande parte de sua trajetória logrou êxito, não é à toa que parcela considerável de sua obra – e aqui pode-se citar suas três teologias, o *Sic et non*, a *Dialecticae* e a *Logica ingredientibus* – foi composta tendo seus alunos em mente. Tendo isso em vista, considerando os posicionamentos teológicos de seu autor e, sobretudo, o momento de sua escrita, a *História das minhas calamidades*, além de relevar aspectos fascinantes da trajetória de Abelardo, permite identificar elementos muitas vezes ignorados desse complexo universo intelectual.

REFERÊNCIAS

FONTES

GUILHERME DE S. TEODORICO. “Epistola CCCXXVI”. In: MIGNE, Jacques-Paul. *Patrologia Latina*, col. 182.

OTTO DE FRESING. “Gesta Friderici I imperatoris”. In: WAITZ, G. (ed.) *Monumenta Germaniae Historica*. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1912.

PEDRO ABELARDO. “Historia calamitatum mearum”. In: LUSCOMBE, David (ed.) *The Letter Collection of Peter Abelard and Heloise*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BIBLIOGRAFIA

BORST, Arno. *Medieval Worlds. Barbarians, Heretics, and Artists in the Middle Ages*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

BOSCH, Rafael. *Hereges dialéticos: um estudo sobre a escolástica nos séculos XI e XII*. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2021.

BOSCH, Rafael. "Pedro Abelardo". In: SOUZA, Guilherme Queiroz de. NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. *Dicionário: Cem fragmentos biográficos. A Idade Média em Trajetórias*. Goiânia: Editora Tempestiva, 2020.

BOSCH, Rafael. *Questões sobre autenticidade e gênero literário na Historia Calamitatum de Pedro Abelardo*. *Revista Outras Fronteiras*, v. 2, 2015.

BURCKHARDT, Jacob. *A cultura do renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CLANCHY, Michael T. *Abelard: a medieval life*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 2002.

CONSTABLE, Giles. *Letters and Letters-Collections*. Turnhout: Brepols, 1976.

DUBY, Georges. *As damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FLAHIFF, G. *Ecclesiastical Censorship of Books in the Twelfth Century*. *Mediaeval Studies*. Vol. 4. 1942.

FLEMING, John V. "Medieval European Autobiography". In: DIBATTISTA, M.; WITTMAN, E. (Eds.). *The Cambridge Companion to Autobiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

GILSON, Étienne. Heloísa e Abelardo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

JAEGER, Stephen C. The prologue to the *historia calamitatum* and the authenticity question. *Euphorion*. Vol. 74, 1980.

SILVA FILHO, J. G. Traços do surgimento histórico do indivíduo no século XII. Abelardo e Heloísa. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca: Universidade Estadual Paulista João de Mesquita Filho, 2002.

MARENBNON, John. The Philosophy of Peter Abelard. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

McLAUGHLIN, Mary M. "Abelard as Autobiographer". In: *Speculum*. Vol 42, N. 3, 1967

MEWS, Constant. Abelard and Heloise. New York: Oxford University Press, 2005.

NOVIKOFF, Alex J. The Medieval Culture of Disputation. Pedagogy, Practice, and Performance. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2013.

POPKIN, Jeremy D. History, historians, and autobiography. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

RICHÉ, Pierre; VERGER, Jacques. Des nains sur des épaules de géants. Maîtres et élève au Moyen Âge. Paris : Tallandier, 2006.

ROCHA, Zeferino. Paixão, violência e solidão. O drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995.

VON MOOS, Peter. *Consolatio: Studien Zur Mittellateinischen Trostliteratur über den Tod und Zum Problem der Christlichen Trauer*. München: Wilhelm Fink Verlag, 1972.

Notas

¹A base do presente artigo foi apresentada como avaliação final para a disciplina de pós-graduação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul "A escrita de Histórias na Idade Média", ministrada pelos professores Dr. Igor Salomão Teixeira e Dr. Renato Viana Boy e diz respeito a parte das reflexões realizadas durante pesquisa doutoral, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo n. 2016/04026-2). E-mail para contato: rafael.bosch@outlook.com

²Há um debate de mais de dois séculos a respeito da autenticidade da *História das minhas calamidades*. Esse artigo parte do pressuposto que Abelardo foi seu autor e que o texto não sofreu modificações por um segundo autor posteriormente. O debate a respeito da autenticidade foi abordado em outra ocasião, cf.: BOSCH, Rafael. Questões sobre autenticidade e gênero literário na *Historia Calamitatum* de Pedro Abelardo. **Revista Outras Fronteiras**, v. 2, 2015.

³Para maiores informações a esse respeito, cf.: CONSTABLE, Giles. **Letters and Letters-Collections**. Turnhout: Brepols, 1976.

⁴GILSON, Étienne. **Heloísa e Abelardo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007, p.23.

⁵*Sepe humanos affectus aut prouocant aut mitigant amplius exempla quam uerba. Vnde post nonnullam sermonis ad presentem habiti consolationem, de ipsis calamitatum mearum experimentiis consolatoriiam ad absentem scribere decruei, ut in comparatione mearum tuas aut nullas aut modicas temptationes recognoscas et tolerabilius feras.* PEDRO ABELARDO. "Historia calamitatum mearum". In: LUSCOMBE, David (ed.) **The Letter Collection of Peter Abelard and Heloise**. Oxford: Oxford University Press, 2013, p.1.

⁶ Para maiores informações a esse respeito, p. JAEGER, Stephen C. The prologue to the *historia calamitatum* and the authenticity question, p. 7; VON MOOS, Peter. **Consolatio: Studien Zur Mittellateinischen Trostliteratur über den Tod und Zum Problem der Christlichen Trauer.** München: Wilhelm Fink Verlag, 1972, p. 115.

⁷ *Cuius nunc rei utramque historiam uerius ex ipsa re quam ex auditu cognoscere te uolo, ordine quidem quo processerunt.* PEDRO ABELARDO. “*Historia calamitatum mearum*”, p. 22.

⁸ Ibidem, loc cit.

⁹ Ibidem, p. 3.

¹⁰ *Proinde diuersas disputando perambulans prouincias.*

¹¹ PEDRO ABELARDO. “*Historia calamitatum mearum*”, p. 4 – 22.

¹² *Hinc tantum roboris et auctoritatis mostra suscepit disciplina, ut hii qui antea uehementius magistro illi nostro adherebant et máxime mostram infestabant doctrinam, ad mostrar conuolarent scolas.* PEDRO ABELARDO. “*Historia calamitatum mearum*”, p. 10.

¹³ Para maiores informações a respeito da *licentia docendi*, cf.: RICHIÉ, Pierre; VERGER, Jacques. **Des nains sur des épaules de géants.** Maîtres et élève au Moyen Âge. Paris : Tallandier, 2006, p. 179 – 182.

¹⁴ Para mais detalhes a respeito dessa transição, cf.: NOVIKOFF, Alex J. **The Medieval Culture of Disputation.** Pedagogy, Practice, and Performance. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2013.

¹⁵ *Sed quoniam prosperitas sultos semper inflat, et mundana tranquillitas uigorem eneruat animi et per carnales illecebras facile resoluit.* PEDRO ABELARDO. “*Historia calamitatum mearum*”, p. 22.

¹⁶ *Nocte quadam quiescentem me atque dormientem in secreta hospicii mei câmera, quodam mihi seruiante per pecuniam corrupto, crudelissima et pudéntissima ultione punierunt, et quam summa ammiratione mundus exceptit, eis uidelicet corporis mei paprtibus amputatis quibus id quod plangebatur comiseram.* Ibidem, p. 44.

¹⁷ DUBY, Georges. **As damas do século XII.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 57.

¹⁸ *In tam misera me contritione positum, confusio, fateor, pudoris potius quam deuotio conversionis, ad monastichorum latibula claustrorum compulit.* PEDRO ABELARDO. “*Historia calamitatum mearum*”, p. 48.

¹⁹ *Quanto autem dolore estuarem, quanta erubescencia confunderer, quanta desperatione perturbarer, sentire tunc potui proferre non possum. Conferebam cum his que in corpore passus olim fueram quanta nunc sustinerem, et omnium hominum me estimabam miserrimum.* Ibidem, p. 72.

²⁰ *Sepe autem, Deus scit, in tantam lapsus sum desperationem ut Christianorum finibus excessis ad gentes transire disponerem atque ibi quiete sub quacunque tributi pactione inter inimicos Christi Christiane uiuere.* Ibidem, p. 92.

²¹ *Ipsam etiam abatiâ tirannus quidam in terra illa potentissimus ita iam diu sibi subiugauerat, ex inordinatione scilicet ipsius monasterii nactus occasionem ut omnia loca monastério adiacentia in usus proprios rede-gisset, ac grauioribus exactionibus monachos ipsos quam tributários Iudeos exagitaret.* Ibidem, p. 96.

²² Ibidem, p. 114.

²³ *Nuper autem cum, illis quos predixi eiectionis, ad conuentum abbatiæ redissem et reliquis fatribus, quo minus suspicabar, me committerem, multo hos peiores quam illos reperi; quos iam quidem non de ueneno sed de gladio in iugulum meum tractantes cuiusdam proceris terre conductu uix euasi.* Ibidem, p. 116.

²⁴ Ibidem, loc cit.

²⁵ *Hec, dilectissime frater in Christo, et ex diutina conuersatione familiarissime comes, de calamitatum mearum hystoria.* Ibidem, p. 118

²⁶ O registro dessas experiências foi realizado por meio de um encadeamento cronológico que respeitou a ordem dos acontecimentos e no qual a passagem do tempo foi exprimida de uma maneira subjetiva, na medida em que seu autor “encurta um período de cerca de cinco anos, dizendo ‘in proximo’, mas alonga outro dizendo ‘aliquibus annis’. *he shortens one span of about five years by saying ‘in proximo’, but stretches out another by saying ‘aliquibus annis’.* BORST, Arno. **Medieval Worlds. Barbarians, Heretics, and Artists in the Middle Ages.** Chicago: The University of Chicago Press, 1996, p. 81 – 82.

²⁷ AURELL, Jaume. La chronique de Jacques Ier, une fiction autobiographique. Autuer, auctorialité et autorité au Moyen Âge. **Annales. Histoire, Sciences Sociales.** Vol. 63, no. 2, 2008, P. 301.

²⁸ Por exemplo, cf.: McLAUGHLIN, Mary M. “Abelard as Autobiographer”. **Speculum.** Vol 42, N. 3, 1967 e ROCHA, Zeferino. **Paixão, violência e solidão. O drama de Abelardo e Heloísa no contexto cultural do século XII.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995.

²⁹ FLEMING, John V. "Medieval European Autobiography". In: DIBATTISTA, M.; WITTMAN, E. (Eds.). **The Cambridge Companion to Autobiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 40.

³⁰ BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 89.

³¹ BOSCH, Rafael. Questões sobre autenticidade e gênero literário na *Historia Calamitatum* de Pedro Abelardo, p. 81 – 82.

³² POPKIN, Jeremy D. **History, historians, and autobiography**. Chicago: University of Chicago Press, 2005, p. 11 – 32.

³³ SILVA FILHO, J. G. **Traços do surgimento histórico do indivíduo no século XII. Abelardo e Heloisa**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca: Universidade Estadual Paulista João de Mesquita Filho, 2002, p. 89 – 90.

³⁴ BOSCH, Rafael. **Hereses dialéticas: um estudo sobre a escolástica nos séculos XI e XII**. Tese de Doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2021, p. 122 – 123.

³⁵ MARENBNON, John. **The Philosophy of Peter Abelard**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 247 – 250.

³⁶ *Cum igitur totus in superbia atque luxuria laborarem, utriusque morbi remedium diuina mihi gratia licet nolenti contulit. Ac primo luxurie, deinde superbie; luxurie quidem his me priuando quibus hanc exercebam, superbie uero que mihi ex litterarum maxime scientia nascebatur, iuxta illud Apostoli: 'scientia inflat', illius libri quo maxime gloriabar comstione me humiliando.* PEDRO ABELARDO. "Historia calamitatum mearum", p. 22.

³⁷ *Que si non ad meritum nobis, saltem ad purgationem aliquam proficere non dubitemus; et quoniam omnia diuina dispositione geruntur, in hoc se saltem quisque fidelium in omni pressura consoletur, quod nichil inordinate fieri unquam summa Dei bonitas permittit, et quod quecumque peruerse fiunt optimo fine ipse terminat; unde et ei de omnibus recte dicitur: 'Fiat uoluntas tua'.* Ibidem, p. 120.

³⁸ MARENBNON, John. The Philosophy of Peter Abelard, p. 247.

³⁹ *Vunde emuli mei uehementer accensi concilium contra me congregauerunt, maxime duo illi antiqui insidiatores, Albericus scilicet et Lotulfus, qui iam defunctis magistris eorum et nostris, Guillelmo scilicet atque Anselmo, post eos quase regnare se solos appetebant, atque etiam ipsis tanquam heredes succedere. Cum autem utriusque Remis scolas regerent, crebris suggestionibus archiepiscopum suum Radulfum aduersum me commouerunt ut, ascito Conano Prenestino episcopo qui tunc legatione fungebatur in Gallia, conuenticulum quoddam sub nomine concilii in Suesionenesi ciuitate celebrarent, meque inuitarent quatenus illud opusculum quod de Trinitate composueram mecum afferem.* PEDRO ABELARDO. "Historia calamitatum mearum", p. 56.

⁴⁰ *Antequam autem illuc peruenirem, duo illi predicti emuli nostri ita me in clero et populo diffamauerunt, ut pene me populus paucosque qui aduenerant ex discipulis nostris prima die nostri aduentus lapidarent, dicentes me três deos predicare et scripsisse, sicut ipsis persuasum fuerat.* Ibidem, p. 56 – 58.

⁴¹ Trata-se de uma referência a Deut. 32: 31. *Ut illud in me etiam compleretur: 'Et inimici nostri sunt iudices'.* Ibidem, p. 60.

⁴² *Quo ille audito, statim quase furibundus effectus ad minas conuersus est, asserens nec rationes meas nec auctoritates mihi in hac causa suffragaturas esse.* Ibidem, p. 62.

⁴³ *Quo audito, statim aemuli mei obstrepentes exclamauerunt: 'O sapiens consilium, ut contra eius uerbositatem contendamos cuius argumentis uel sophismatibus uniuersus obsistere mundus non posset!'* Ibidem, p. 64.

⁴⁴ *Tunc emuli mei, nichil se egisse cogitantes si extra diocesim suam hoc negotium ageretur, ubi uidelicet uim minime exercere ualerent, qui scilicet de iusticia minus confidebant, archiepiscopo persuaserunt hoc sibi ualde ignominiosum esse si ad aliam audientiam statim ad legatum concurrentes, eius immutauerunt sententiam, et dampnaret atque in conspectu omnium statim combureret, et me in alieno monasterio perhenni clausura cohiberet.* Ibidem, loc cit.

⁴⁵ Cono esteve diretamente envolvido nos conflitos entre o papado e o Império, tendo excomungado o Henrique V em duas ocasiões durante 1111 e 1115, atuação não condizente com a descrição a respeito de sua instrução. *Quia autem legatus ille minus quam necesse esset litteratus fuerat.* Ibidem, p. 66.

⁴⁶ *Dicebant enim ad dampnationem libelli satis hoc esse debere quod nec romani pontificis nec ecclesie auctoritate eum commendatum legere publice presumpseram atque ad transcribendum iam pluribus eum ipse prestitissem; et hoc perutile futurum fidei Christiane si exemplo mei multorum similis presumptio preueniretur.* Ibidem, loc cit.

- ⁴⁷ Para maiores informações a esse respeito, cf.: FLAHIFF, G. Ecclesiastical Censorship of Books in the Twelfth Century. **Mediaeval Studies**. Vol. 4. 1942.
- ⁴⁸ *ab egregiis viris et nominatis magistris Alberico Kemense et Letaldo Novariense Sabellianus hereticus iudicatus, libros, quos ediderat, propria manu ab episcopis igni dare coactus est, nulla sibi respondendi facultate, eo quod disceptandi in eo pericia ab omnibus suspecta haberetur, concessa. Haec sub Lodewico seniore Francorum rege facta sunt.* OTTO DE FRESING. “Gesta Friderici I imperatoris”. In: WAITZ, G. (ed.) **Monumenta Germaniae Historica**. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1912, p. 69.
- ⁴⁹ BOSCH, Rafael. Hereges dialéticos: um estudo sobre a escolástica nos séculos XI e XII, p. 105 – 108.
- ⁵⁰ *Certum quippe habebam, si eos ad regularem uitam quam professi fuerant compellere tentarem, me uiuere non posse et, si hoc in quantum possum non agerem, me dampnandum esse.* PEDRO ABELARDO. “Historia calamitatum mearum”, p. 96.
- ⁵¹ *Qui publice et impudentissime tam fidem datam quam sacramenta facta uiolantes, tandem per auctoritatem romani pontificis Innocentii, legato proprio ad hoc destinato, in presentia comitês et episcoporum hoc ipsum iurare compulsi sunt, et pleraque alia; nec sic adhuc quieuerunt.* Ibidem, p. 116.
- ⁵² *In quo adhuc etiam laboro periculo, et cotidie quase ceruici mee gladium imminentem suspitio.* Ibidem, loc cit.
- ⁵³ Referência a 2 Tim. 3: 12. *Et: ‘Omnes’, inquit Apostolus, ‘qui uolunt pie uiuere in Christo, persecuotionem patientur’.* Ibidem, p. 118.
- ⁵⁴ CLANCHY, Michael T. **Abelard: a medieval life**. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 2002, p. 145.
- ⁵⁵ MEWS, Constant. **Abelard and Heloise**. New York: Oxford University Press, 2005, p. 248.
- ⁵⁶ BOSCH, Rafael. **Hereges dialéticos**: um estudo sobre a escolástica nos séculos XI e XII, p. 371 – 372.
- ⁵⁷ *Petrus enim Abaelardus iterum nova docet, nova scribit libri ejus transeunt maria, transiliunt Alpes, et novae ejus setentiae de fide, et nova dogmata per provincias et regna deferuntur, celebriter praedicantur, et libere defenduntur: in tantum ut in curia Romana dicantur habere auctoritatem.* GUILHERME DE S. TEODORICO. “Epistola CCCXXVI”. In: MIGNE, Jacques-Paul. **Patrologia Latina**, col. 182, p. 531.
- ⁵⁸ Sobre as leituras modernas de Abelardo, cf.: BOSCH, Rafael. “Pedro Abelardo”. In: SOUZA, Guilherme Queiroz de. NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. **Dicionário: Cem fragmentos biográficos**. A Idade Média em Trajetórias. Goiânia: Editora Tempestiva, 2020, p. 254 – 255.